

Banqueiro inglês adverte para risco de nova crise

JOSÉ CARLOS SANTANA
Nosso correspondente

LONDRES — "Ou os governos das potências industriais aceitam a idéia de que só eles podem resgatar os bancos e os países devedores desse impasse, ou seremos todos engolfados por uma crise econômico-financeira que nunca se viu igual. Ninguém vai escapar dela, nem os países ricos nem as nações mais pobres."

A advertência é de um banqueiro britânico que prefere não ser identificado, ao comentar declarações feitas por lorde Lever, também banqueiro e membro de governos trabalhistas do passado, sobre a conferência de Aca-pulco e sobre a passividade das potências européias diante do agravamento da questão da dívida.

"Os bancos têm sua parcela de culpa; os países latino-americanos também têm a sua e os governos das nações mais ricas não podem negar que deram sua contribuição para que a situação chegasse ao ponto que chegou", disse ele.

O jornal **Financial Times**, que re-flete a opinião da city de Londres, dedicou o seu principal editorial, na edição de ontem, aos resultados da reunião dos dirigentes latino-americanos. E no final diz o seguinte: "Se deixarem que os países devedores e os bancos resolvam eles próprios o problema, uma solução satisfatória parece impossível de ser obtida. O que está faltando é liderança política nos principais países industrializados, que são, enfim, numa medida significativa, responsáveis pelo pro-

blema. Porém, quando os Estados Unidos encontram dificuldades até para pagar sua subscrição na Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, que é um legado do Plano Marshall, é difícil acreditar que alguma coisa parecida irá surgir antes que seja tarde demais".

O **Financial Times** faz esse comentário depois de dizer que a ameaça de uma recessão é cada vez mais forte. "O ajustamento nas contas externas dos Estados Unidos deverá acontecer mais cedo do que se esperava. Ao mesmo tempo, é pouco provável o desaparecimento dos superávits comerciais do Japão e da Alemanha Ocidental, mesmo que isto fosse desejável. Para que a recessão possa ser evitada e as sobras da economia mundial usadas de uma maneira mais ampla, os empréstimos aos países em desenvolvimento precisam ser restaurados".

Esta é uma opinião que Lorde Leveer vem defendendo já há anos, mais precisamente, desde a crise mexicana de 1982. Agora, depois dos acontecimentos no mercado internacional de ações e da queda vertiginosa do dólar, ele acha que "não há mais tempo a perder".

O editorial do **Financial Times** lembra que, até agora, a evolução dos acontecimentos no mercado financeiro tem sido favorável aos países endividados, devido à queda nas taxas de juros e do valor do dólar. Mas a recessão que surgiria da crise, se não forem tomadas providências, lhes causaria danos, porque desaparecerá toda e qualquer esperança de uma melhoria no comércio internacional de commodities.